

SOFIA MIGUENS

FERNANDO GIL

UNIVERSIDADE DO MINHO  
Centro de Estudos Humanísticos  
BRAGA — 2006

# Fernando Gil

SOFIA MIGUENS  
(Universidade do Porto)

Fernando Gil morreu em Paris, a 19 de Março de 2006. Tinha 69 anos e muita coisa a fazer, com o ânimo de sempre. Foi interrompido.

Fernando Gil foi uma figura absolutamente invulgar em Portugal. Vivendo entre Portugal e a França, conseguiu fazer muito por Portugal. Inspirou e entusiasmou gerações de alunos e discípulos. Trouxe respeito e admiração para a Filosofia de muita gente de fora da disciplina. Nunca em torno dele havia a sensação do «pequeno país onde é impossível fazer coisas», ou «os outros são melhores do que nós». Era orgulhoso e intempestivo, certamente, e as suas fúrias lendárias. Um homem apaixonado. Mas de quê, senão dessa fibra, se faz o pensamento e a vida das pessoas?

A sua obra é difícil de enquadrar, e não tinha ainda acabado. Não era um homem que respeitasse escolas, e as escolas tornam as coisas mais reconhecíveis. No meio da sua erudição, Fernando Gil era sobretudo livre no que pensava e escrevia. No entanto, nos seus livros e nas suas aulas vislumbrava-se não apenas um pensador original mas também o melhor da tradição filosófica, tornada criativa. Portugal e a Filosofia ficaram mais pobres com a sua morte. Homens assim não aparecem muitas vezes.

Pensando bem, e porque não tivemos uma amizade próxima, nem sequer estivemos juntos assim tantas vezes no mesmo espaço físico. Ele foi, no entanto, sem dúvida, totalmente presente para mim desde que o conheci, e, mais do que o meu orientador de mestrado e de doutoramento, a pessoa mais importante do meu percurso intelectual. Isto foi assim por razões humanas e sentimentais, em torno da admiração intelectual básica que eu sentia por ele, uma vez que aquilo que

acabei por estudar em Filosofia se distanciou muito do que ele fazia (é verdade, também, que sempre senti o desejo de voltar e olhar de novo com muito mais tempo e mais calma para a sua obra). Se nos meus estudos em Filosofia me distanciei daquilo que ele fazia, nunca me distanciei no entanto da figura dele: Fernando Gil foi para mim sobretudo um mestre, e é preciso ter um mestre, penso, alguém que nos mostra em concreto como é saber muito, e como isso é inspirador e exaltante para os outros («ver numa pessoa e não num livro aquilo que nos inspira e nos entusiasma» – creio que foi Quine que disse isto acerca de Carnap, e de qualquer forma a descrição é boa).

Estive numa relação estranha como F. Gil enquanto sua aluna: sempre a estudar a filosofia dita analítica (aliás primeiro linguística, no mestrado). Não fui evidentemente a única pessoa a trabalhar em filosofia analítica em Portugal cujo doutoramento ele orientou, nem isso lhe era coisa afastada. E nem houve nunca total ausência de comunicação entre os interesses dele e as minhas prospecções pelas minhas áreas: eu penso que ele gostava de oferecer os seus problemas, de os por a serem trabalhados. Tinha uma curiosidade imensa por saber mais coisas, e os alunos que estudam connosco podem servir para isso também – não me parece que exista exploração alguma aí. Pelo meu lado, a obra de F. Gil sempre me deu um ponto de apoio para a crítica a algumas limitações da filosofia dita analítica. Sobretudo pela liberdade na criação e tratamento de problemas – a filosofia analítica, com toda a competência e tecnicismo que lhe é característica é por vezes terrivelmente ortodoxa e como qualquer ortodoxia arrisca-se a deixar escapar coisas. É claro que esta ortodoxia não está nos grandes filósofos que são analíticos – mas antes na forma como aqueles que os seguem disciplinam o tratamento dos problemas. Fernando Gil mostrou-me como autores como Husserl, Freud e Kant, que me pareciam importantes para pensar sobre o pensamento, podiam ser usados – isto para além do conhecimento histórico preciso e «apreciativo» que ele tinha acerca deles – no tratamento de problemas. Que problemas seriam esses? Basicamente o problema da natureza da subjectividade. É usual afirmar que o problema da inteligibilidade, era o principal problema de F. Gil enquanto filósofo, e não há como abordar a inteligibilidade sem a subjectividade; a subjectividade é essencial para compreendermos o que é compreender. Esse é o núcleo dos interesses de F. Gil e a problemática que o liga à fenomenologia, e foi um interesse que funcionou em parte como corrector dos meus estudos pela filosofia analítica.

Além de ele ter sido no meu espírito o meu mestre – e isso não é acerca de coisas práticas – aprendi muitas coisas práticas com Fernando Gil. Sou, evidentemente, apenas um exemplo de entre as muitas pessoas que estudaram com ele, e que se deixaram inspirar por ele – pensando no que é ser professor, prouvera que muitos deixassem a quantidade enorme de frutos que me parece que Fernando Gil deixou em tantas pessoas.

Aprendi por exemplo que a história da filosofia é importante – isto teve que ser uma reconciliação, porque com o excesso de história da filosofia morta que encheu os meus primeiros estudos de Filosofia, cheguei a pensar que ela devia ser posta de lado, por uma questão de método, para chegar ao que importa, aos problemas e ao que queremos saber. Por isso o que aprendi com ele foi que a história da filosofia é apesar de tudo importante mas não é importante por si, como demonstração de pura erudição, mas para apoiar as nossas intuições sobre os problemas que nos ocupam (e se estes são problemas reais para nós, são contemporâneos). É fácil olhar para a erudição histórica dos livros e textos de Fernando Gil e pensar que ela é um fim em si – ouvi muitas pessoas falarem assim dos seus livros. Não creio que fosse, a não ser enquanto prazer do contacto com a riqueza da tradição filosófica. Mas esse é quase um mundo que corre em paralelo, que ilustra.

Aprendi que os problemas da filosofia são reais, que a filosofia não é história das ideias, impotente quanto ao futuro e acabada. Ele foi uma pessoa apaixonada pela filosofia. E isso deu-lhe prazer, penso. Há prazer em fazer aquilo em que se acredita e nos entusiasma – e certamente isso não é o mesmo que estar academicamente e contingentemente a trabalhar numa dada disciplina.

Aprendi que são possíveis erros em filosofia, que há boas e más formas de trabalhar, que há coisas que vale a pena fazer e coisas que não vale a pena fazer. Não vale tudo, há coisas muito más, mesmo irritantes (ele não tinha paciência nenhuma para essas coisas – para mim sempre foi impossível não simpatizar com esse traço do seu espírito).

Quero também falar dele como orientador, porque vejo agora o quanto ele me deu o modelo de um orientador (ele não foi um orientador modelar, não vou fingir que foi, nenhum orientador está lá para tudo o que queremos). De qualquer forma é uma relação complicada, todos os orientandos têm razão de queixa dos orientadores, é difícil não se sentir abandonado tendo em mãos qualquer coisa que é maximamente importante para nós mas que não está necessariamente no centro dos interesses da outra pessoa que é o nosso orientador, e que também é uma pessoa com interesses próprios.

E Fernando Gil tinha muitos interesses próprios e um interesse apaixonado pela sua própria obra, e muita gente a orientar. Talvez por isso por vezes parecia olhar para quem trabalhava com ele como podendo trazer «saber e iluminações» para aquilo que lhe interessava – e essa é obviamente uma razão prática para se querer saber do trabalhos dos orientandos (isto é possivelmente uma explicação para o facto de se encontrar tanta gente interessante na constelação que o tinha como centro – descobrindo-o, descobria-se qualquer coisa como um grupo pessoas que havia razão para admirar, pessoas com interesses intelectuais genuínos, coisas reais muito acima das meras coisas académicas). Nunca imaginei estar a aprender tanto com ele nos nossos breves e eficazes encontros de orientação de tese, mas vejo isso hoje quando procuro orientar o trabalho de outras pessoas e me sinto a desejar poder fazer como ele fazia. O que é que ele tinha? Primeiro, visão directa e rapidez, sugestões que provocavam iluminações. Depois, admitia com satisfação que se tratava ali de pôr uma outra pessoa atrás de problemas que nos interessam, mesmo sabendo que ela rapidamente vai, se trabalhar bem, saber mais do que nós sobre certas coisas, estar mais informada que nós sobre essas questões. Suponho que isso é difícil de admitir, e que é mais bem feito por quem tem a segurança de saber muito e querer sempre saber mais. Penso também que desperta num professor as boas motivações para orientar um trabalho.

Fernando Gil ensinava em Paris e eu naturalmente pensei ir para lá na altura do doutoramento – aliás já na altura do mestrado ele me tinha recebido e guiado em Paris, mostrado a École, as Bibliotecas, e o seu transparente amor pela cidade. Mas ele disse-me «Nem pense nisso! Fazendo o que está fazer, seria como olhar para trás – vá mas é para os Estados Unidos». Acho que teve toda a razão (hoje já poderia ter ido para França, as coisas mudaram rapidamente).

Há uma última coisa que não quero deixar de fazer notar em Fernando Gil como filósofo: a veia a que só consigo chamar poética ou artística da sua forma de pensar. A importância de coisas como o amor e a beleza para a própria filosofia. Isso não tem por que aparecer num texto em que se procura analisar a convicção ou a soberania. Mas era sem dúvida o que o movia, enquanto pessoa e também enquanto filósofo (penso que ele chegou a dizer isso numa entrevista televisiva a Ana Sousa Dias). Não consigo deixar de pensar que sem isso a filosofia como disciplina não vale a pena – há muitas formas de conhecer, muitas ciências que podemos praticar – mas esse «voltar a si do espírito», se me é permitida a metáfora hegeliana, e que tem a ver

com prazer beleza e entendimento, com algo de pessoal que é estético – formulemos como entendermos, e é certamente difícil de formular – deve estar na filosofia. Não está na história das ideias feita a seco e por obrigação, nem está na prática científica profissional só por si. Penso que estará também nas artes – mas de alguma forma estas não têm que procurar dizer-nos algo de explícito acerca de como é o espírito, o espírito humano. E a filosofia quer.

Mas as coisas mais importantes são as pessoais, e aí, não podemos por vezes senão observar como são maravilhosas algumas pessoas que passam por nós. Recordo a observação de Maria João Avillez (Público, 1 de Abril de 2006) sobre Fernando Gil, sobre alguma coisa que me marcou a mim também: aquela voz sedutora, leveza de espírito, humor. Prazer de viver. As pessoas continuam, e tenho a certeza que pelo menos em mim Fernando Gil continua, também através da memória dessa voz. Há pessoas com uma inteligência magnífica e acolhedora, pessoas com espírito, e essa é certamente uma razão por que o mundo não é totalmente inóspito.